
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

MÃE E MONSTRO: A DESCONSTRUÇÃO DA FIGURA MATERNA NA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)
ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo da pesquisa é analisar a representação da figura materna no conto “Mãe, o cacete” de Ivana Arruda Leite dentro da perspectiva dos estudos feministas e de gênero. A partir da análise do conto, foi possível identificar a representação da mãe/monstro, rompendo, portanto, com formações enraizadas no imaginário de uma sociedade patriarcal que santifica a figura materna.
PALAVRAS-CHAVE: representação; figura materna; desconstrução.

*“A palavra instaura a desordem. A inquietude, o desejo de exceder,
de abarcar mundos possíveis e impossíveis”*

Nélida Pinõn

1. INTRODUÇÃO

As investigações que visam a resgatar textos de autoria de mulheres hoje constituem uma das mais produtivas linhas de pesquisa no âmbito dos estudos feministas. Elas têm levantado questões esclarecedoras e pertinentes sobre o sistema de representações operadas pelo construto da história literária. Isso deve-se ao fato de que seus fundamentos estão comprometidos com convicções estéticas, ao expressar valores ideológicos explícitos, mantenedores da invisibilidade no cânone da produção literária procedente da autoria de mulheres. Salienta-se a importância da revisão do discurso crítico, pois é ele o responsável, em última análise, pelo estabelecimento de quadros de referência que regulam as condições de recepção de obras dentro de um determinado contexto nacional, vindo a definir o que se entende por boa literatura e,

portanto, a determinar que obras constituem a singularidade representativa, discursiva e simbólica da cultura nacional.

A literatura de autoria feminina “tem-se revelado um campo profícuo, porém, dela ainda é requerida afirmação plena no interior da literatura universal” (Duarte 2003: 151). A visibilidade de tal produção revela aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir, dependente de sua função tanto artística como social em seu caráter documental. O fenômeno literário, tomado como conjunto de elementos interdependentes, que agem em interação, desenvolve-se historicamente dentro de um outro sistema maior, revelando todas as nuances da cultura e recriando aspectos da realidade. Inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos, através da literatura, são convertidos em documentos escritos e publicados, legados aos que serão vindouros.

A disseminação de pesquisas acadêmicas sobre autoras, particularmente, a partir dos anos 1970, tem contribuído para redimensionar a literatura brasileira. Da mesma forma, o estudo sobre essa literatura resultou em contribuições questionadoras sobre a construção da historiografia literária e sobre a noção canônica de gênero literário. Nesse contexto, inserem-se as redes de associação intelectual das mulheres que se encarregaram da maior parte da escrita e da reflexão feminina, de onde resultou o resgate de tais gêneros.

A literatura de autoria feminina revela-se um campo profícuo. Porém, dela ainda é requerida afirmação plena no interior da literatura universal. A visibilidade de tal produção revela aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência do vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação.

Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir dependente de sua função tanto artística como psicossocial e do seu caráter documental. O fenômeno literário, tomado como conjunto de elementos interdependentes, que agem em interação, desenvolve-se historicamente dentro de um outro sistema maior, revelando todas as nuances da cultura, recriando aspectos da realidade. É inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos, por meio da literatura, são convertidos em documentos escritos e publicados, legados ao futuro.

Na tentativa de caracterizar o universo da literatura de autoria feminina, alguns atributos constitutivos devem ser destacados de modo a revelar um processo de criação exclusivo. Antes de tudo, emerge a questão da autoria da narrativa. Ela expressa uma posição diante do mundo e carrega um caráter de exclusivo, a renomada experiência feminina. Isso autoriza a presença do *eu* que escreve e narra, e que é portador de um ponto de vista próprio, que revela um olhar na perspectiva da mulher. Em segundo lugar, reitera-se deste sujeito narrador uma posição consciente acerca de

seu papel social e do seu direito de expressão. Conclui-se disso uma função política, na medida em que tais autoras assumem sua posição de mulher nos processos de alteridade.

Os conceitos e limites do que se entende por tradição estão sendo redefinidos nesses últimos tempos. Em função dos princípios globalmente entendidos como pós-modernos, advindos do pós-estruturalismo e do feminismo, parte-se hoje do reconhecimento de que as fronteiras e as margens no plano das manifestações da cultura não são absolutas. Sabe-se que, de modo geral, a tarefa de descrever a tradição literária não poderá se reduzir ao traçado e à ordenação diacrônica do cânone. Ao contrário, seguindo o percurso unilinear do processo, que não deve ser desprezado, deve-se levar em conta que este se encontra envolvido por um tecido enredado de manifestações de margem, as quais se cruzam entre si e com o fio central: “A escrita de mulheres se compõe de um denominador simbólico comum ao grupo, é definido pela forma como as mulheres, condicionadas por elementos fisiológicos, antropológicos, socioeconômicos e culturais deixaram respostas aos problemas de produção e de reprodução material e simbólica” (Magalhães 1987: 18).

Nesses textos, observa-se a denúncia da opressão no domínio privado vivida no corpo das mulheres e a opressão no domínio público palpável em sua inserção social. Ao se pensar na escrita de mulheres, deve-se levar em conta percepções e valores diferentes dos masculinos. A cultura feminina rompe com estruturas convencionais do pensamento androcêntrico. Sendo assim, é importante ressaltar que, ao se falar em valores femininos e de aspectos próprios da criação literária das mulheres, não se pode identificar uma especificidade restrita ao grupo de mulheres. É necessário considerar características que possam ser reconhecidas como predominantemente femininas pela sua sintonia com aspectos dominantes na vida das mulheres, a sua experiência corporal, interior, social e cultural.

Com relação à escrita de mulheres, uma das perguntas que se pode esboçar é: “Como o imaginário feminino se manifesta na escrita das mulheres, ou como se constrói, a partir da escrita de mulheres, o imaginário feminino?” Esse modo de perguntar retira a questão do essencialismo do feminino que possui uma visão totalizadora da mulher, e desloca o problema para diversidade de posições enunciativas do sujeito feminino nas mulheres. Pelo poder que a palavra enunciada, anunciada e impressa possui, as mulheres nomeiam seus problemas por meio de metonímias, metáforas ou mesmo corporalmente. Para tanto, elas têm buscado as palavras apropriadas para exercerem seu direito à voz.

Muitos textos de autoria feminina recorrem a temáticas ligadas às relações familiares: “A família como lugar de adestramento para a adequação social é, muitas vezes, a responsável pelos conflitos narrados; o resgate da infância, retomando a família de origem, torna visível a ação repressora do condicionamento familiar” (Xavier 2006: 7). Estas narrativas se voltam para o espaço doméstico, privado, as mulheres, ao construir seu universo ficcional, priorizam as relações familiares, “os laços de família”, citando Clarice Lispector. Esses laços, protetores e constritivos, são, frequentemente, elementos estruturantes dos conflitos: “A família é, portanto, um tema que se

impõe àqueles(as) que se interessam pela problemática feminina, seja ela abordada pelos mais diferentes campos do saber” (Xavier 2006: 7).

O modelo de familiar, no Brasil, atém-se na estrutura patriarcal, a família é um elemento dominante no processo de socialização, grupo onde as distâncias estavam rigidamente marcadas e reguladas pela hierarquia. As bases de nossa civilização estão contaminadas pela mentalidade inerente à estrutura patriarcal. Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mocambos*, ao estudar a decadência do patriarcado rural, diz que “[o] patriarcal tende a se prolongar no paternal, no paternalista, no culto sentimental ou místico do Pai ainda identificado, entre nós, com as imagens de homem protetor, de homem providencial, de homem necessário ao governo geral da sociedade” (2004: 1.82). Segundo Elódia Xavier:

O padrão marital burguês, baseado nas idéias tradicionais do homem protetor e provedor e, acima de tudo, no mito da felicidade conjugal através do amor, surge no Brasil em meados do século XIX, substituindo o casamento como vínculo político, econômico, articulado à procriação. Com o casamento burguês, surge a glorificação do amor materno e a figura da mulher como “rainha do lar. (2006: 9)

O processo de construção subjetiva da maternidade se dá também pelo que homens vivenciam e até imaginam ser a maternidade. Mulheres e homens têm formas distintas de significar uma mesma prática e indubitavelmente o sexo, seja biológico ou social, assume um marco diferencial nessa subjetivação. Nesse sentido, a perspectiva de gênero serve como importante aporte epistemológico para compreender a dinâmica relacional destas práticas sociais.

As representações do feminino no discurso literário têm sua constituição calçada em apreciações de ordem moral e valorativa e em modelos de comportamentos presos ao espírito da nossa cultura, sendo, indubitavelmente, regidas pela lógica patriarcal. No mundo possível, apresentado na narrativa literária e sustentado por laços mantidos com o mundo real, ocorre a seleção dos fragmentos da vida utilizados na construção de um sentido de realidade, em que se misturam processos ideológicos, através dos quais surgem a legitimação de um fato social: a condição feminina.

A obra ficcional se alimenta do mundo real no qual atua, refletindo-o e interpenetrando-o e, assim, influenciando idéias. A ficção literária é concebida e produzida em um contexto cultural e, nessa medida, atende a certas necessidades de representação do mundo que são articuladas e atreladas aos rituais e símbolos da prática social ou aos conceitos vigentes sobre o objeto, o dado referencial. Estes padrões encontram-se sintonizados com toda a lógica patriarcal, atuando na (re)construção de uma política de gênero que fixa o feminino como uma categoria sexual natural e imutável e não como uma construção cultural.

Uma vez que o sentido de gênero na ideologia patriarcal não se traduz apenas pela noção de “diferença” do feminino em relação ao masculino, mas pela noção de divisão e inferioridade, a polarização dos sexos, tradicionalmente definida pelos termos

“cultura” e “natureza” e perpetua uma mitologia que hierarquiza os papéis sexuais. Em última análise, sabe-se que, devido à tradição patriarcal em nossa cultura, a maior parte dos preconceitos ainda recai sobre as mulheres. O patriarcalismo, enquanto um conjunto de normas elaboradas pelos homens brancos e heterossexuais, sempre esteve calcado em práticas autoritárias, pois exclui certos grupos sociais do seu centro de interesse. Os negros, os sujeitos homossexuais e as mulheres, por ameaçarem a ordem das leis, eram sempre foram, ideologicamente, minimizados pela sociedade.

Em muitas sociedades, a identidade como mulher é determinada pelo fato de ser mãe. Nesta perspectiva, as mães podem ser classificadas de poderosas, particularmente em sociedades em que a mulher é reverenciada como doadora de vida, garante da ligação com os antepassados, portadora da cultura e centro à volta do qual gira a organização social.

A proposta central de gênero está, então, no reconhecimento da existência de uma construção social de mulheres e homens, demarcando, dessa forma, a distinção entre a ordem biológica e social, no que diz respeito a como são construídas as diferenças entre os sexos. As teorias feministas pós-estruturalistas têm problematizado tanto as simbolizações de gênero quanto as verdades dos bens culturais.

À mãe, geralmente, atribui-se a idéia mítica de ideal de amor e afeição. Apesar do crescente questionamento sobre o amor materno incondicional e inato, a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família, ainda é bastante presente na literatura e no senso comum.

A literatura de autoria feminina escrita em sua primeira fase denominou-se de *matrofobia* e consistia, em narrativas, numa representação de filhas mulheres que rejeitavam veementemente suas mães como modelos identitários. No Brasil, alguns contos de Tânia Faillace, nos anos 70, e alguns romances de Lya Luft, mesmo que sejam dos anos 80, são ainda representativos desta tendência que relata uma total incomunicabilidade entre mães e filhas, em que esta relação é desastrosa para as duas e é libertadora quando o vínculo se desfaz ou arrefece. Esgotado este primeiro momento, em que a revolta ou a raiva, as frustrações, os sentimentos de impotência e desvalorização são expressos pelas personagens das filhas em relação a suas mães, a literatura de autoria feminina toma outros rumos no que se refere ao tema das genealogias e à representação do par mãe e filha.

2. MÃE E MONSTRO: FACES DA MESMA MOEDA

Um texto descoberto em um arquivo empoeirado não será bom e interessante só porque foi escrito por uma mulher. É bom e interessante porque nos permite chegar a novas conclusões sobre a tradição literária das mulheres, saber mais sobre como as mulheres desde sempre enfrentaram seus temores, desejos e fantasias e também as estratégias que adotaram para se expressarem publicamente apesar de seu confinamento ao pessoal e ao privado.
Sigrid Weigel (1986: 71)

O conto é o gênero literário que aponta, mais clara e diretamente, aspectos de identidade regional, nacional ou mesmo individual. O conto, principalmente o pequeno, torna-se um grande representante da literatura que Linda Hutcheon (1991) chama de “pós-moderna” devido à sua brevidade, concisão e por, geralmente, apresentar um único foco narrativo, “centrado ou no narrador onisciente ou numa personagem” (D’Onófrio 2001: 21).

Beatriz Resende descreve acerca da importância do conto “curtíssimo” e afirma que “A presentificação me parece [...] se revelar por aspectos formais, o que tem tudo a ver com a importância que vem adquirindo o conto curto ou curtíssimo em novos escritores [...] ou nas pequenas edições para serem lidas de um só fôlego” (Resende 2008: 28).

A análise recai sobre o conto “Mãe é o cacete”, publicado em 2004, escrito pela escritora paulista Ivana Arruda Leite. Neste texto, a protagonista, uma mulher de meia idade, descreve as desagradáveis lembranças que tem de sua mãe: alguém, por quem não nutre a menor estima ou respeito, já que nunca recebeu dela a menor demonstração de afeto. A figura materna não lhe ensinou as coisas mais elementares, deixando-a abandonada à própria sorte; importando-se apenas com a própria beleza e o seu amante.

A narrativa de Ivana revela um modo de ser e de pensar da mulher brasileira na atualidade. Mostra o universo feminino, do ponto de vista da própria mulher, que é o sujeito da enunciação. E este lugar de onde fala lhe permite abordar com maior autoridade as questões do feminino. Observa-se que no conto “Mãe é o cacete”, a narradora livra-se de certos tabus sociais e procura uma saída para as barreiras impostas pelos costumes e pelo combate ao meio, nesse caso o condicionamento às normas da educação da mulher e mesmo a imposição social que obriga a certos comportamentos tidos como apropriados e adequados à mulher virtuosa e de “boa” moral. A estrutura familiar representada no conto apresenta um perfil contemporâneo, rompendo com o moralismo social ao estabelecer a mulher não só como personagem principal, o que já era corrente, mas como chefe de família.

O processo de desconstrução é uma constante na contística de Leite, estando bastante evidente na obra analisada. A desconstrução proposta pelo filósofo Jacques Derrida considera que o texto literário subverte as próprias suposições deste texto, reconstituindo os movimentos paradoxais dentro da própria linguagem. Desconstruir um texto não é procurar o seu sentido, mas seguir os trilhos em que a escrita ao mesmo tempo se estabelece e transgide os seus próprios termos (Ceia 2005).

No conto, a figura da mãe é metaforizada como um monstro materno, a representação que se configura questiona as fronteiras estabelecidas para mulher dentro da estrutura familiar por meio de uma postura resistente que nega os atributos da mãe: “Mãe é uma cruz na minha vida. Nunca gostei da minha e duvido que as pessoas gostem tanto da sua quanto dizem.” (Leite 2004: 205). As atitudes e postura na obra

condizem com a transgressão aos padrões comportamentais experimentados por ela em relação à sua família.

A narradora assemelha-se à Eva, porque desobedece àquilo que é proibido. Não aceita o que lhe é imposto, rompe com a ordem estabelecida, questiona o sagrado. O discurso de Leite representa uma quebra de tabu na cultura brasileira, devido à ligação intrínseca da figura da mãe com a religiosidade, referência esta, a que o texto também alude no seguinte trecho: “Quando eu estudava no colégio das freiras, elas falavam que era até pecado desgostar da mãe desse jeito. Mãe é coisa sagrada. Que eu rezasse pra mãe de Jesus pra ver se ela me ajudava. Rezei porra nenhuma. Não gosto da mãe de ninguém, nem da mãe de Jesus” (2004: 205).

Essa mãe-monstro não pode ser categorizada dentro do regime tradicional da família patriarcal. Ela não administra o lar seus atributos são negativos: não-dona-de-casa, não-esposa e não-mãe. Esses atributos negativos aparecem de maneira evidente: “O mundo seria outro sem mães. Deus que se virasse pra fazer as pessoas nascerem de outro jeito. Repolhos, bromélias. Os filhos seriam todos órfãos, órfãos e felizes. Ele não precisou de mãe pra criar a humanidade. A mãe veio muito depois, e por castigo” (Leite 2004: 205). Construções textuais como estas chocam muitos leitores, e o texto, com o seu tom irreverente e debochado, acaba exercendo uma função crítica ao desmistificar tão bruscamente a posição da mulher/mãe como santa, intocável, que, porém, em decorrência dessa aura de santidade, também acaba excluída dos domínios do poder público, ocupado pelos homens.

A narradora sofre um processo de amadurecimento e sob o signo da crueldade, esta se defronta com algum aspecto da existência que a perturba, fazendo-a reconhecer a condição de miséria da vida humana por meio da banalidade do real. O “eu” narrativo livra-se de certos tabus sociais, procura uma saída para essa barreira imposta pelos costumes e pelo controle do meio. Adota uma postura que não corresponde à imagem que se espera da mulher “bem comportada”. A narradora apresenta um comportamento de rejeição ao modelo materno e a culpa inconscientemente por seus problemas emocionais: “Eu queria uma mãe de quadrinho, dessas que trocam os filhos com cuidado, dão beijo na testa e fazem o nenê nanar, contam histórias, seguram na mão pra atravessar a rua, cortam as unhas do filho (a única vez que a minha fez isso, quase me arrancou a ponta do dedo). Dizem que existe” (Leite 2004: 205).

Na obra, a protagonista demonstra uma originalidade do “eu” narrativo proporcionada por seu discurso oral, por vezes, ligado a registros naturalistas: “Mas eu? Que ficasse cagada, mijada, sozinha, suja e com a cara cheia de ranho”. Esse efeito narrativo perfaz uma escolha de Leite por uma linguagem de aprofundamento do “eu” da narradora marcada pela subjetividade, que só existe à medida que na instância do discurso fala de sua própria condição. A linguagem utilizada no conto tematiza a rejeição e a revolta da personagem.

Nota-se que as agressões físicas e emocionais que a narradora sofria de sua mãe eram constantes e essa ideia de “continuidade” é representada pela repetição de palavras: “Mãe e uma cruz na minha vida. [...] Mãe é sinônimo de atraso[...] Mãe de-

forma a cabeça da gente. A minha mãe dava beliscão. Batia de chinelo, dava tapa na cara.[...]Se eu gostava de um programa de televisão ela mudava de canal. Se me via feliz me mandava pro quarto” (Leite 2004: 205).

O conto em questão relata uma forma de violência de mãe contra filha. Marilena Chauí (1985) define violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com a finalidade de dominar, explorar e oprimir. No entanto, não é uma violência física, mas sim “psicológica”: “chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (Bourdieu 2007: 7). A “violência simbólica” da mãe da protagonista foi tão grande que esta não conseguiu mais se “recuperar”, o sentimento de rejeição pela figura materna é observado durante toda a narrativa. Não há amor nesta relação, subvertendo a ordem natural das coisas : mãe ama filhos.

No conto “ Mãe, o cacete”, observa-se que ocorre a desvalorização do papel ligado à maternidade, criada pela ideologia patriarcal. A narradora/protagonista demonstra um identidade fraturada, sua trajetória mostra que ela necessita resgatar-se e recompor-se. A narradora não quer parecer-se com sua mãe, rejeita veementemente este modelo, demonstra uma opção de vida ligada à anti-concepção, ao direito de poder escolher. O conto funciona como denúncia das dificuldades e frustrações herdadas pela filha de sua mãe.

Carente do afeto materno, a protagonista vai desenvolver, mesmo sem querer, o modelo de cuidadora que sempre procurava em sua mãe, mas sem encontrar. Assim, a sua própria realização se reverte no cuidado que ela dispensa a seu parceiro, muito mais novo que ela. O que a filha recebe como herança da mãe é o que ela não tem. Esta mulher vive um estado de orfandade o que gera uma solidão característica da sua condição feminina em um mundo patriarcal.

EM BUSCA DE CONCLUSÕES

Ivana Arruda Leite é portadora de um estilo singular, sua escritura é personalíssima, e em seus textos pode-se sentir a intensidade do ato de escrever. A escritora desenha formas no imaginário que são compostas por imagens livres. Seus enredos não são presumíveis. A narrativa da Leite desconstrói conceitos, preconceitos e condicionamentos, cujo tema faz emergir os silêncios e as omissões, gerando ambiguidade, subvertendo o discurso hegemônico, abalando, desconstruindo previsibilidades.

Sem prender-se às formas e padrões fixos, a autora desenvolve um estilo irreverente. Percebe-se, no percurso das narrativas, o desabrochar dos sentimentos humanos, a fragilidade e dependência diante das forças naturais que regem a vida, os fatos divulgados sem pudor, sem meias palavras, sem caprichos ou deleites formais, sem preocupação formal. São fatos compostos por meio de uma linguagem despojada,

contudo profunda, marcante e direta. Enfim, palavras e mais palavras que compõem um universo inteiro de significados. Percebe-se na escrita de Ivana Leite uma ênfase sobre o universo existencial feminino.

Em sua escrita, a autora reflete, critica, questiona e deixa vir à tona detalhes ocultos que formam a vida humana; especialmente vigilante acerca da realidade feminina e, a partir de fatos cotidianos, expõe a dor, a negação, os problemas sociais, a tradição, a ruptura. É possível observar na obra uma contestação aos valores patriarcais revelados de forma densa e dramática. No conto analisado, tematiza-se o drama da mulher e o absurdo de uma sociedade injusta, nesse caso representada pela figura da própria mãe.

OBRAS CITADAS

BOURDIEU, Pierre. 2007. *A Dominação Masculina*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CEIA, Carlos. 2007. “Desconstrução”. E- *Dicionário de Termos Literários*. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/desconstrucao.htm>. Acesso em 14 mai 2007.

CHAUÍ, Marilena. 1985. Participando do debate sobre mulher e violência. *Perspectivas Antropológicas da mulher*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 25-62.

DUARTE, Constância Lima. 2003. “Feminismo e literatura no Brasil.” *Estudos Avançados* 17.49: 151-72. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 janeiro de 2010.

D’ ONÓFRIO, Salvatore. 2001. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. 2. ed. v.1, São Paulo: Ática.

FREYRE, Gilberto. 2004. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15ª ed. São Paulo: Global.

HUTCHEON, Linda. 1991. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética. *Poética do pósmodernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago. 19-41.

Leite, Ivana. 2004. “Mãe, o cacete”. Luiz Ruffato, org. *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record. 204-208.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O tempo de silêncio e de paisagem com mulher e mar ao fundo. *O Tempo das Mulheres*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987. 23-57.

RESENDE, Beatriz. 2008. “A Literatura Brasileira na era da Multiplicidade.” *Contemporâneos: expressões da Literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 15-40.

XAVIER, Elódia. 2006. “A família no banco dos réus.” *Interdisciplinar (Itabaiana)* 1.1: 169-178. Disponível em http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_1/INTER1_Pg_07_20.pdf. Acesso em 11 de agosto de 2010.

WEIGEL, Sigrid. 1986. “La mirada bizca: sobre la historia y la escritura de las mujeres”. Gisela Ecker, org. *Estética feminista*. Barcelona: Içaria Editorial. 69-98.

MOTHER AND MONSTER: THE DECONSTRUCTION OF MATERNAL FIGURE IN FEMALE AUTHORSHIP WRITING

ABSTRACT: This study aims to analyze the representation of the maternal figure in Ivana Arruda Leite’s short story “Mãe, o cacete” from the perspective of feminist and gender studies. I tried to identify the representation of the mother / monster, therefore breaking away from notions rooted in the imagination of a patriarchal society that sanctifies motherhood.

KEYWORDS: representation; maternal figure; deconstruction.

Recebido em 8 de setembro de 2010; aprovado em 30 de dezembro de 2010.